

**PIRILIMPÃO PUM**  
- Colectânea de Contos  
Infantis -

VÁRIOS AUTORES



**Tecto de Nuvens**

## Apresentação

*“Era uma vez...”* tantas vezes! Começam a atenção e a emoção: mundos fantásticos, semi reais ou tal e qual o nosso. Histórias que nos inspiraram antes e continuam a inspirar agora.

Num mundo tão assustadoramente e tão “em direto” real, há que cultivar a fantasia e a fomentar a capacidade de viajar no espaço e no tempo sem sair do lugar, e sem necessidade de sofisticada tecnologia.

Esta colectânea foi totalmente feita pelos autores: criaram os termos e as regras, dispuseram a seu bel-prazer das páginas. Lições valiosas saem de todas elas, umas mais reais, outras mais fantásticas; umas mais originais, outras mais adaptadas...

Uma pequena nota para os heróis da Bíblia (frequentemente esquecidos, mas muitas vezes citados “David contra Golias”, por exemplo), não há aqui qualquer intenção doutrinal, aliás, as autoras professam fés diferentes, apenas a constatação de que o mundo politicamente correto, que pretende ser inclusivo, está cada vez mais exclusivo. Com isto as crianças são privadas de uma preciosa cultura geral que, no caso citado, as priva de conhecer alguns dos heróis (bem reais) da História Universal.

Jovem leitor, queremos que te divirtas com as nossas histórias, que as leias, que as partilhes, que aprendas. Foram todas pensadas para ti, escritas por avós, filhos e

## Maria

Caro jovem leitor, vejo diariamente o quanto as crianças apreciam heróis – vejo-os nas vossas mochilas, t-shirts, nos brinquedos, nos jogos, nos cromos que trocáis e colecionais. Sei que gostam de ver as aventuras deles no cinema, na televisão, no vosso tablet. Por isso, resolvi contar-vos a história da minha heroína favorita. Trago-a no coração, mas também a tenho em objetos, tal e qual como vós com os vossos heróis.

Há muitos anos atrás nasceu em Jerusalém uma menina a quem seus pais deram o nome de Maria. Seus pais já eram de idade avançada quando Maria nasceu, e com seu nascimento seus pais ficaram muito felizes.

Seu pai chamava-se Joaquim, sua mãe Ana; viveram em Jerusalém com Maria enquanto criança, eram uma família muito humilde com um grande coração.

Maria foi crescendo como uma menina muito bem comportada; era de grande beleza,

## O Miguel foi à Savana!

Certo dia, o nosso herói, de seu nome Miguel, foi à Savana. O Miguel era um herói como tantos outros, mas era especial! O Miguel não era um herói de contos de fadas, de poemas de grandes poetas, era o herói dos sonhos da mamã, do papá e da Beni, uma princesa tão princesa, mas tão princesa, que o seu sorriso era famoso em todo o mundo! Nos sonhos da mamã e do papá, do Miguel e da Beni, todos podiam ir onde quisessem, então, decidiram ir viver grandes aventuras à Savana, em África!

No caminho, viram um leão com garras enormes e um rugido tão altamente incrível, que até se ouvia em Ermesinde, a terra dos sonhos! Viram Zebras com riscas pretas e brancas ou brancas e pretas (Sabemos lá? É como quisermos!). Viram um elefante a beber água, com umas orelhas enormes e com uma tromba muito comprida. Porém, era um elefante tão fofinho quanto todos os elefantes das histórias

## **Paulinha mandou os medos embora**

Paulinha era uma menina magrinha, tímida, meiga... os olhos, de cor azul céu, viam medos, não só da noite mas também de dia. A sua mamã muitas vezes lhe perguntava:

- De que tens medo, Paulinha?

- Do medo, mamã!

Paulinha tinha tudo para que a sua infância fosse feliz, mas os medos não a libertavam, ainda para mais sofria de Asma e muitas vezes ia para o hospital com falta de ar; às vezes na ambulância chegou a pensar que morria asfiziada.

Uma noite, Paulinha tremia, tremia debaixo da cama. Viu uma luz vermelha ao fundo do corredor, a luz piscava... ela ficou com tanto medo que não conseguia falar, adormeceu ali com o dedito na boca, agarrada ao seu boneco chorão.

Quando acordou, espreitou para ver se a luz vermelha ainda lá estava, mas a luz já não piscava, e ela logo ficou com um grande sorriso porque viu a mamã a passar a ferro;

## Um cão chamado “Não-se-diz”

A Segunda Guerra Mundial deu origem a uma situação muito difícil em muitos países

No nosso país, havia pouco dinheiro. A comida era pouca e tinha que ser repartida. Por exemplo, uma sardinha era partilhada por duas ou três pessoas. Para comprar pão era preciso ter uma senha que tinha que ser pedida às autoridades. A maioria da população vivia na miséria. Havia fome.

Na aldeia do João as coisas não eram diferentes. Mas as pessoas ajudavam-se uma às outras e repartiam entre elas os poucos alimentos existentes. Era obrigatório que os lavradores entregassem às autoridades os cereais produzidos. Muitas vezes, o milho, o centeio, a cevada e as batatas eram escondidos e guardados em grandes caixas de madeira, normalmente enterradas.

Os cereais eram moídos de noite nos moinhos movidos a água. Os habitantes estavam sempre muito atentos para não serem surpreendidos pelas

## A admirável história de Mefibosete

Luizinho estava inconsolável. Aquela nova habilidade com o skate tinha-lhe saído mal e partiu um pé! Já não tinha muitas dores, mas não podia jogar a final do torneio de futebol da escola. E ele até ia ser titular! A avó, que o tinha ido visitar, foi encontrá-lo aninhado no sofá, às escuras. Fez-lhe impressão vê-lo tão desanimado. Sentou-se e puxou-o para ela e começou a contar:

“Há muito, muito tempo, havia um Rei chamado Saul, que teve um filho de nome Jónatas.

Jónatas tinha vários filhos e o mais novo deles chamava-se Mefibosete. Como era neto do rei Saul, Mefibosete era um príncipe, nascido e criado no palácio, e um dia seria o sucessor de seu pai Jónatas.

Quando Mefibosete tinha apenas cinco anos, chegou a notícia, de uma cidade chamada Jezreel, que o seu pai e o seu avô tinham sido assassinados numa batalha.

A sua ama, cheia de temor pela segurança do menino, pegou nele ao colo e fugiu para um lugar

## PIRILIMPÃO PUM

A história que vou contar é de um gatinho e um cãozito. O Pirilim e o Pãopum. O gato e o cão.

Cada um disputava a comida do outro e arreliavam a dona, que se via aflita para dar de comer aos dois. O Pirilim gostava de comer devagar e depois ia se meter debaixo do carro dos donos a descansar. O que era um perigo.

O Pãopum era apressado na comida e queria correr no seu quintal que ficava por trás da casa. Acontece que o Pãopum saltava de muro em muro até a casa dos vizinhos. Uma delas, que se chamava D. Faustina, ficava muito arreliada com isso e protestava. Dizia que o Pãopum lhe sujava a roupa que tinha a secar numa das cordas do quintal.

O Pirilim era um gato fino. O seu pelo era castanho e tinha uns olhos pretos com uma coroa amarela. Abanava sempre o rabo quando alguém lhe fazia alguma festita. Só que era preguiçoso e por isso deitava-se quase todo o dia a espreguiçar os braços e as pernas. Não



## Foi falta!

- *Foi falta!* – Disse o Lobão Zãozão.

- *Não foi não!* – O Coelho Rabelho, guardaredes da equipa Afonsina, protestava.

- *Foi, foi! Eu vi o Afonso meter a mão à bola.* – Esclarecia o Miguel, membro da equipa Melguista.

- *Aqui quem diz que é falta, ou não, sou eu.* – Empertigava-se o Mocho Zarocho, que usava óculos e era o árbitro do encontro.

- *Eu não pus a mão na bola, a bola é que se pôs na mão.* – Dizia por sua vez o Afonso saindo detrás da bola.

Os dois pardais fiscais de linha tinham as asas levantadas assinalando a falta.

- *Não vale,* - disse a Raposa Zareca, - *não viram nada e estão de asa levantada.*

- *Ai vimos, vimos,* - responderam os pardalecos ao mesmo tempo, - *o Afonso parou a mão com a bola.*

## O Palacete abandonado

Sempre que podia, ao regressar da escola, Raul fazia um desvio no caminho, para passar em frente do palacete abandonado há já muitos anos.

Encostando-se ao velho portão, Raul conseguia ver as centenárias paredes de pedra cobertas de heras. Via, também, as escadas largas que davam acesso ao primeiro andar, ladeadas por muros revestidas de musgo. Esticando o pescoço, observava as janelas todas trabalhadas, mas já sem vidros e os beirais cheios de ninhos de andorinhas. Às vezes Raul trepava a uma árvore próxima e de lá conseguia ver os telhados muito estragados e cheios de buracos.

Em frente da casa, via o enorme jardim com árvores muito grandes, onde se abrigavam várias espécies de pássaros; os canteiros cheios de ervas daninhas; as várias fontes já sem deitarem uma gota de água; os pequenos lagos transformados em armazéns de lixo.

## Carolina

Carolina passara o verão a sonhar com o primeiro dia de aulas. Acordava cedo e riscava mais um dia no calendário, contava os que faltavam para o dia 15 de setembro. Depois percorria as blusas, as calças, as saias, as t-shirts, os casaquinhos no guarda-roupa e verificava mentalmente qual a combinação perfeita para usar no tão esperado dia. Acabava por experimentar diferentes variações, esta t-shirt verde com aquela saia azul, esta blusa amarela com aquelas calças de ganga e mirava-se no espelho de todos os lados. Depois sacava o calçado da sapateira, combinava com sandálias ou sapatilhas e testava o efeito.

Há meia hora ou mais que a mãe a havia chamado para o pequeno-almoço. Agora ouvia novamente a voz da mãe vinda da cozinha, desta vez num tom impaciente. Todas as manhãs era a mesma coisa. Corria para junto dos pais afogueada de pressa e de expectativa alegre e irrequieta:

- *Já só faltam 15 dias* - dizia, sentando-se à mesa.

Os pais sorriam, enquanto Carolina bebia o leite

## A Aventura de Pedro

Certo dia, a D. Rute foi às compras ao supermercado e levou com ela o seu filho Pedro, que tinha cinco anos.

Ela dirigiu-se para a secção do talho e enquanto esperava pela sua vez, pediu ao filho para não sair dali quando ela fosse atendida.

Mas assim que a mãe começou a falar com o talhante, Pedro olhou para secção dos brinquedos e foi ver se havia o carro que vira na publicidade da televisão.

O menino percorreu o supermercado todo e quando viu que não tinha o carro, olhou para a porta e resolveu investigar o que havia lá fora.

Ao ver um adolescente a passar com uma bola, correu para ele e perguntou-lhe:

- Posso jogar contigo?

- Sim podes, mas tens de vir comigo para o parque, porque a bola pode ir para a estrada. – disse o rapaz.